

O momento congelado no tempo: análise das fotografias publicadas pela Folha de S. Paulo na cobertura dos Jogos Paralímpicos 2016¹

Tatiane HILGEMBERG²
Universidade Federal de Roraima, UFRR

RESUMO

Podemos afirmar que a mídia transmite valores, ideologias e crenças das quais emergem representações sociais acerca de determinados grupos. Assumindo que há uma ligação entre o esporte e a origem e funcionamento da sociedade vigente, pensamos ser possível afirmar que os meios de comunicação influenciam na construção das representações dos atletas paralímpicos. O contato com conteúdo dos meios de comunicação oferece uma forma de diálogo que abre portas invisíveis para o mundo, auxiliando o indivíduo em seu sentimento de pertença, fortalecendo sua conexão a diversos grupos, diálogo esse que também é influenciado por fatores culturais. É neste contexto que pretendemos compreender as narrativas culturais (fotografias e legendas) da Folha de S. Paulo durante Jogos Paralímpicos de 2016 a fim de determinar de que forma a figura do atleta paralímpico foi construída por esse impresso.

PALAVRAS-CHAVE: Atletas Paralímpicos; Representação; Jornal Impresso; Fotografias.

1. Introdução

Foucault (1988) intrigado pelo quadro de Magritte “Isso não é um cachimbo”, escreve um ensaio homônimo que também nos intriga. Apesar de tratar especificamente da arte, Foucault delinea considerações acerca do real e da representação do real, algo que nos interessa particularmente para este estudo. Para Foucault, o desenho ou pintura de uma casa não são uma casa, mas apenas a representação de uma casa. Da mesma forma acontece com a pintura de Magritte: a imagem retratada não é um cachimbo, não se pode enchê-lo de tabaco e fumá-lo. O que hoje nos parece óbvio, na época significou um marco importante, uma vez que separava o real de sua representação. Ao analisar tal conceito exposto por Foucault,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima, e-mail: tianehilgemberg@gmail.com

pensamos que o jornalismo faz exatamente o oposto do que fez Magritte. O pintor nos alerta que aquilo que vemos não é real, já o jornalismo nos afirma “isso é real”, “é o fato”, “é o atleta”, quando na verdade é apenas uma faceta do real sendo impossível retratar alguém ou um fato em sua totalidade.

Olhando para o desenho do cachimbo talvez qualquer pessoa pense automaticamente: trata-se de um cachimbo; entretanto ao ler o título que lhe foi dado perceberá que, na verdade, aquilo se trata de uma representação. No jornalismo, algo semelhante acontece: ao lermos uma matéria sobre os atletas paralímpicos, somos levados a crer que aquele é o atleta, no entanto, não há qualquer aviso de que se trata apenas de sua representação. Fica, então, o leitor com a ideia que lhe foi sugerida pela mídia, enquanto sabemos ser impossível que tal representação abarque toda a complexidade do ser.

Numa sociedade influenciada pelos meios de comunicação, estes podem ter um grande impacto em nosso conhecimento e em nossa atitude acerca dos atletas com deficiência. Sabendo que a mídia atinge simultaneamente uma vasta audiência em um curto espaço de tempo, facilmente compreende-se a importância que ela assume, ocupando um lugar central no funcionamento social.

(...) os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro; e é com eles, vale dizer, que construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que tecem nossa percepção do outro e nossa maneira de lidar com o diferente ou o semelhante (RESENDE, 2007, p. 83).

O esporte para pessoas com deficiência, e sua cobertura pela mídia, promove um contexto que pode influenciar significativamente o entendimento social da deficiência, devido ao potencial disruptivo (DEPAUW, 1997) gerado pela tensão percebida entre deficiência e prática esportiva de elite (BRITTAIN, 2004). Os Jogos Paralímpicos assumiram-se, então, como corolário e expoente máximo do esporte adaptado, sendo o segundo maior evento esportivo do mundo em número de países e atletas participantes. É inegável, a esse respeito, o contributo da mídia para a divulgação e promoção dos eventos esportivos, transformando as grandes competições em verdadeiros espetáculos.

Nos últimos vinte anos a cobertura midiática passou por um processo de espetacularização. E os Jogos Paralímpicos, o maior evento esportivo internacional para pessoas com deficiência, também sentiu os impactos dessas mudanças.

Definimos espetacularização como o processo através do qual o esporte não é apenas um jogo disputado por indivíduos ou grupos, mas algo que deve ser vendido a espectadores. Durante esse processo vimos a adoção, cada vez mais frequente, da linguagem visual. As fotografias publicadas nos impressos oferece um exemplo atraente. Beth Haller (1995) afirma que as fotografias de pessoas com deficiência, publicadas nos jornais, são significativas, pois esses indivíduos são oprimidos e suas representações midiáticas limitadas. A autora argumenta ainda que o estudo do fotojornalismo oferece formas de entender o papel da mídia na construção da deficiência como diferença.

As fotografias oferecem informação valiosa, especialmente nos cadernos de esporte e capas de jornais, uma vez que são uma forma de atrair a audiência. Recentemente, com o aumento da cobertura dos Jogos Paralímpicos, os estudos sobre as relações entre mídia e esse evento esportivo também se tornaram mais frequentes e mais diversos. Esse artigo visa contribuir para tal discussão, com o particular interesse em analisar as fotografias publicadas pela Folha de S. Paulo durante os Jogos Paralímpicos 2016, sediados no Rio de Janeiro, enfatizando como a cobertura midiática constrói e representa a deficiência no âmbito esportivo.

2. Os caminhos da pesquisa

Diversos são os autores e os estudos que se debruçaram sobre a mídia impressa tentando compreender de que forma os atletas paralímpicos foram, e são, representados por esse meio de comunicação. No estudo realizado por Schantz e Gilbert (2001) em 1996, concluiu-se que os jornais franceses e alemães tenderam a esconder a deficiência dos atletas paralímpicos. Buysse e Borcharding (2010), por sua vez, analisaram 12 jornais impressos de cinco países durante os Jogos Paralímpicos de Pequim 2008 e chegaram também à conclusão de que a deficiência do atleta era invisível em 61% dos casos. Bertling (2012) encontra resultados semelhantes na imprensa alemã, ou seja, a maioria das fotografias tendia a esconder a deficiência do atleta através de técnicas de sombras ou artifícios similares. O autor também realizou uma pesquisa online com três grupos: leitores do caderno de esporte, atletas com deficiência e jornalistas, a fim de avaliar o ponto de vista dos participantes sobre a adequação de fotos esportivas. As fotos que apresentavam a

deficiência foram avaliadas mais positivamente pelos atletas; jornalistas e leitores expressaram certa aversão com relação a esse tipo de fotos.

Em seu estudo Peers (2009) mostra que o papel desempenhado por pessoas sem deficiência nos Jogos Paralímpicos é enfatizado, o que sugere a (in)visibilidade da deficiência não é inerentemente empoderadora ou progressiva. Na verdade ambos os temas – visibilidade e disparidade com esporte para pessoas sem deficiência – corrobora a perspectiva de DePauw (1997) de que o esporte é local de resistência cultural, no qual a marginalidade deve ser entendida como socialmente construída, como um processo dinâmico realizado num contexto de relações de poder.

Bertling (2012) ao entrevistar jornalistas alemães especializados em esporte demonstrou que esses reclamam que a cobertura das Paralimpíadas é deficiente e estereotipada. Fong e Katz (2012) confirmam essa ideia ao afirmar em seu estudo que a maioria dos jornalistas esportivos concorda que não há cobertura midiática suficiente dos Jogos Paralímpicos, e que muitas matérias estão cheias de estereótipos, além da imagem do atleta com deficiência não ser atraente para os consumidores de mídia.

Golden (2003) entrevistou jornalistas americanos nas Olimpíadas e Paralimpíadas e concluiu que eles não acreditam que o esporte para pessoas com deficiência seja válido, ou legítimo, por considerarem que atletas com deficiência não possam ser competitivos. De acordo com um de seus entrevistados ““They [the Paralympians] can’t compete on the same level as the Olympic athletes, so it’s a bone they throw to them to make them feel better. It’s not a real competition, and I, for one, don’t see why I should have to cover it. (...)””³ (entrevistado por GOLDEN, 2003, p. 08).

Bruce (2014) afirma que o esporte para pessoas com deficiência, bem como para mulheres, é tido como diferente, inferior e de segunda classe. O aumento da cobertura dos Jogos Paralímpicos poderia mudar essa percepção. No entanto, Howe (2008) argumenta que o tipo de cobertura que esse evento recebe permanece relativamente estável pois é controlado pelo Comitê Paralímpico Internacional que perpetua o mito de que o esporte paralímpico é de grande pureza através de modelos de representação pautados pelo sentido de caridade e tom paternalista.

³ Eles [os Paralímpicos] não conseguem competir no mesmo nível dos atletas olímpicos, então é como um osso que atiram para fazê-los sentirem-se melhor. Não é uma competição real, e eu, por exemplo, não vejo porque deveria cobri-lo (Tradução livre da autora).

O foco desse artigo é a cobertura imagética dos Jogos Paralímpicos 2016 pela Folha de S. Paulo, prevemos que a representação dos atletas se manterá com um escopo mais comercial, percebemos que esse tipo de direcionamento tende a atrair a audiência para os Jogos no Brasil, como uma forma de mercantilização do evento.

3. Método

Este estudo visa investigar como os atletas com deficiência foram representados durante os Jogos Paralímpicos de 2016, através da análise de conteúdo. Especificamente, nosso objetivo é examinar as fotografias jornalísticas, e suas respectivas legendas.

A nossa amostra inclui apenas notícias e reportagens que possuíam fotos de atletas, excluindo, portanto, artigos opinativos, cartas ao editor, crônicas e editoriais, publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo, durante os 14 dias de evento, de 06 a 19 de Setembro de 2016, incluindo o dia antes da cerimônia de abertura e um dia depois do encerramento. Da mesma forma excluímos as fotografias que não representavam atletas paralímpicos, como, por exemplo, imagens das mascotes, estádios, etc.

Nossa codificação atravessou diversas fases. Primeiro, cada fotografia foi identificada pelo dia em que foi publicada. A partir das imagens escolhidas identificamos os atletas por seus nomes e gênero, quando possível. Analisamos, a seguir o ângulo da fotografia usando as seguintes categorias: ‘Plano Geral’ no qual o corpo inteiro do atleta é mostrado; ‘Plano Médio’ apresentando o corpo da cintura para cima; ‘Plano Americano’ em que o corpo é mostrado do joelho para cima; ‘Close’, ângulo no qual somente o rosto ou cabeça do atleta é mostrado; ‘Plano Detalhe’ que apresenta foco em algum detalhe da imagem ou foca em uma parte específica do corpo do atleta.

A seguir, a visibilidade da deficiência foi codificada se visível ou se invisível, ou ambos, quando múltiplos atletas eram retratados. Se visível o tipo da deficiência foi identificada, se invisível apontamos se era o caso de a deficiência ser imperceptível ou se o enquadramento da fotografia era a causa do apagamento da deficiência. A composição da fotografia foi codificada, então, como ‘Com Ação’, ou seja, o atleta foi fotografado em um momento de ação que foi descrito (treino; em competição; cerimônia de abertura/encerramento; resultado; outros); ‘Sem Ação’, o atleta estava fora

do momento de competição, e/ou a imagem não denotava ação (resultado; cerimônia de abertura/encerramento; início/fim de prova; outros); ‘Pose’, o atleta posa para a câmera.

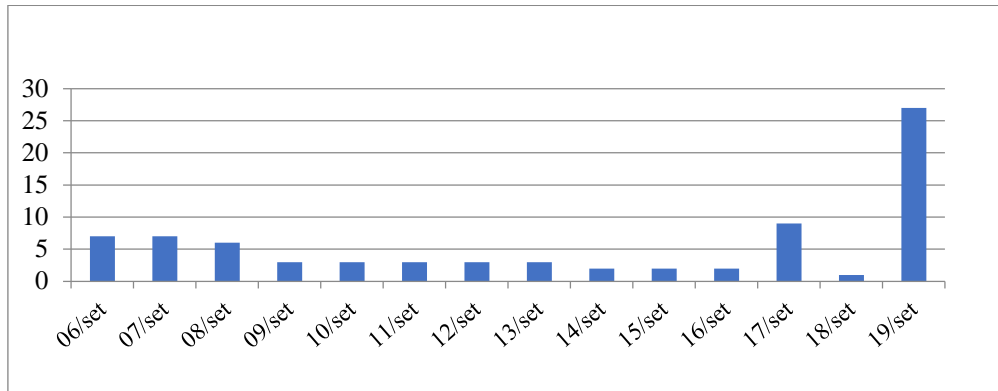
Além disso, também analisamos as legendas, nesse sentido as subcategorias encontradas foram:

- Resultado: a legenda descrevia o resultado obtido pelo atleta retratado – metal da medalha, colocação no pódio, recorde, tempo, etc.
- Descritiva: a legenda tinha caráter descritivo – da jogada ou do evento retratado ou mesmo da imagem em si.
- Legitimação pelos atletas olímpicos: a legenda relaciona atletas olímpicos e paralímpicos, buscando a legitimação dos últimos.
- Retrospecto: a legenda trazia informações sobre resultados obtidos pelo atleta em eventos passados.
- Médico: a legenda enfoca a deficiência do atleta.
- Cerimônias de Abertura/Encerramento: a legenda traz informações sobre as cerimônias.
- Apresentação do atleta/Expectativa: a legenda apresenta o atleta e/ou traz as expectativas de resultados para os Jogos de 2016.
- Outros.
- Sem legenda.

4. Os atletas paralímpicos em imagens

Do universo de 14 edições que compõem o nosso material – de 06 a 19 de Setembro – encontramos 78 fotos que iam ao encontro de nossos critérios de seleção. O interessante é notar como o número de fotografias tende a diminuir com o passar dos dias – com exceção da edição do dia 17 de Setembro em que uma série de pequenas imagens ilustrava uma mesma matéria –, para que na última edição analisada fosse publicado o maior número de fotografias em um caderno especial “Rio 2016-Paralimpíadas” (Gráfico 01).

Gráfico 01 – Distribuição de fotografias por dia.



A Folha de S. Paulo tomou a decisão de publicar apenas no dia seguinte ao encerramento do evento o caderno especial, diferentemente do período dos Jogos Olímpicos, no qual o impresso manteve o caderno Rio 2016 durante todo o evento. Tal fato já demonstra a diferenciação feita pela Folha de S. Paulo em relação aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

A sociedade espera que o atleta de alto rendimento cumpra o mote olímpico *Citius, Altius, Fortius*, isto é, que sejam o mais rápido, o mais alto e o mais forte. Portanto, pode-se dizer que o esporte paralímpico é, muitas vezes, visto como menos importante, pois o atleta com deficiência não consegue atingir os mesmos resultados de atletas olímpicos. Apesar de essa ideia prevalecer temos alguns exemplos de atletas com deficiência com desempenho melhor do que o de atletas sem deficiência. Na prova dos 1500 metros da classe T13 (para atletas com baixa visão), da Paralimpíada do Rio de Janeiro, o argelino Abdellati Baka conquistou o ouro com o tempo de 3m48s29, marca que também lhe daria o ouro nas Olimpíadas do Rio; não só ele, mas os quatro primeiros colocados dessa prova fizeram marcas melhores do que o primeiro colocado olímpico. No Mundial de Atletismo Paralímpico de 2015, em Doha, no Catar, o alemão Markus Rehm venceu a prova de salto em distância classe T44 (atletas com amputação dos membros inferiores) com uma marca que lhe teria garantido o ouro nas Olimpíadas de Londres/2012. Cada vez mais os atletas com deficiência superam tempos, marcas, recordes, contudo a associação histórica entre deficiência e inabilidade, passividade e incompetência ainda fortes na sociedade também é estendida para o campo esportivo.

O esporte mudou ao longo do tempo. Uma mudança lenta e gradual que não aconteceu, nem acontece, de forma linear, mas sim flutuante e em confluência com

outras forças. Como parte dessas mudanças vemos o esporte tanto como lugar de conformidade com valores sociais dominantes, reproduzindo desigualdades, quanto local de resistência e mudanças desses mesmos valores (DEPAUW, 1997).

Também percebemos diferenças no número de imagens representando atletas mulheres e homens. Sabe-se que o esporte é uma poderosa instituição que reproduz a ordem patriarcal e reforça a masculinidade. Vários estudos (FIGUEIREDO, 2014) comprovam que atletas do sexo masculino e feminino são representados de forma diferenciada, e nosso estudo ratifica essa ideia. Os homens foram representados, com exclusividade, em cerca de 56% do material, enquanto as mulheres apareceram, com exclusividade, em cerca de 26% das fotografias. Imagens em que ambos os sexos foram retratados representaram 13% do total, e em 5% não foi possível identificar o sexo do atleta.

Schantz e Gilbert (2001) analisaram a cobertura midiática dos jogos de 1996 pelos jornais franceses e alemães e concluíram que 44% das fotos enquadravam o atleta da cintura para cima, ou apenas o rosto. Já Chang e Crossman (2009) afirmam que as fotografias publicadas pelos impressos sul coreanos durante os Jogos Paralímpicos de 2004 tendiam a representar o corpo do atleta em sua totalidade, talvez como resultado de mudanças positivas com relação à deficiência naquela sociedade. Lee (2013) que explorou a cobertura dos Jogos de 2012 em 12 impressos de cinco países verificou que os atletas com deficiência foram representados, em sua maioria, em plano geral (48,9%). Resultado semelhante foi encontrado na pesquisa de Figueiredo (2017), em que a maior parte das fotografias apresentou o corpo do atleta em sua totalidade (44,8% - Plano Geral) e da cintura para cima (39,5% - Plano Médio) durante a cobertura dos Jogos de 2012 pelos impressos brasileiros.

Ao analisarmos o ângulo da fotografia percebemos que a maior parte das imagens também apresentou o corpo do atleta em sua totalidade – 54% em Plano Geral – ratificando os estudos prévios mais recentes. Contudo as fotografias que retratavam o atleta em Plano Médio – da cintura para cima – e em Close apresentaram valores muito próximos, 18% e 19% respectivamente. Considerando que o uso de closes tende a diminuir na cobertura dos Jogos Paralímpicos, acreditamos que esse número mais elevado em nossos resultados se deu pela presença de pequenas fotografias – quase em formato 3x4 – publicadas no caderno especial “Rio 2016-Paralimpíadas”, no dia 19 de Setembro de 2017, e que tinham por objetivo apresentar os atletas e seus resultados.

Alguns pesquisadores acreditam que ao focar a deficiência, ou a diferença corporal, do atleta os jornais estariam negando sua identidade. Discordamos dessa ideia. Howe (2012), por exemplo, acredita que enquanto o corpo for o foco do esporte, os atletas com deficiência continuarão a ser vistos como menos que capazes. Contudo, a deficiência é parte da identidade social do atleta paralímpico, como a teoria da identidade social sugere, temos múltiplas identidades sociais que juntas definem quem somos, portanto, ignorar a deficiência é ignorar parte de quem são os atletas. Hall (1997) afirma que o esporte é uma das áreas em que parece natural enfatizar o corpo, que é o instrumento através do qual o atleta desempenha suas habilidades e representa a beleza atlética. Em cerca de 51% de nosso material a deficiência era visível, em 38% invisível, e 10% apresentou na mesma foto atletas com deficiência visível e outros com invisível.

O corpo comunica, contando a história do atleta através da gramática de movimentos. Esse corpo diferente pode chocar e angustiar as pessoas sem deficiência, uma vez que se afasta da ideia de corpo belo e atlético, despertando atitudes de rejeição e repulsa. Os corpos apresentados nesse período esportivo não costumam ilustrar jornais diários, nem possuem visibilidade na mídia, que exige corpos perfeitos, a maioria das pesquisas realizadas no âmbito do esporte paralímpico ratifica essa ideia, nossos dados, juntamente com outros estudos (FIGUEIREDO, 2017), demonstram que, no Brasil, a deficiência do atleta sofre menos apagamento. No entanto quando a deficiência era invisível, em 67,5% dos casos isso se dava pelo enquadramento da foto, enquanto 32,5% a deficiência do atleta era imperceptível.

Diferentes tipos de deficiência podem provocar diferentes tipos de reações. Tringo (1970) investigou como as pessoas com deficiência são percebidas e as atitudes da sociedade com relação a esse grupo e desenvolveu a Escala de Distância Social da Deficiência (*Disability Social Distance Scale*). O autor apresenta uma lista de 21 deficiências e pede aos participantes que indiquem que tipo de relacionamento teriam com um indivíduo com aquela deficiência. Amputação foi a deficiência “preferida”, seguida por deficiência visual, paraplegia (cadeirantes), nanismo e paralisia cerebral. De acordo com Tringo (1970) as deficiências físicas são preferíveis às sensórias que, por sua vez, são preferíveis às intelectuais.

Scheel e Duncan (1999) pesquisando sobre a cobertura das Paralimpíadas de 1996 pela rede americana CBS perceberam que os cadeirantes receberam 40% da

cobertura, amputados 32% e cegos 20%. Vários outros pesquisadores também têm reportado que os atletas mais frequentemente enfocados são aqueles com deficiência física, e o grupo mais representado são os atletas do sexo masculino e cadeirantes (SCHANTZ; GILBERT, 2001; HARDIN; HARDIN, 2003; THOMAS; SMITH, 2003; BUYSSE; BORCHEDING, 2010; FIGUEIREDO, 2017). Hardin e Hardin (2003) chamam isso de hierarquia da deficiência construída pela mídia, onde os homens cadeirantes estão no topo porque eles são o mais próximo do competidor ideal entre os atletas com deficiência. DePauw (1997), contudo, argumenta que isso se dá porque a cadeira de rodas pode ser vista como substituta dos membros inferiores, enquanto a parte superior do corpo do atleta oferece um físico “aceitável” e “aparentemente normal”. O estudo de Raab e Janda (2012) sobre a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Pequim/2008 pela televisão pública alemã, aponta que os cadeirantes foram representados em 18% do material, seguido por amputados, e atletas com deficiência visual. Lee (2013) aponta o mesmo caminho da cobertura dos Jogos de Londres por impressos de cinco países – 40,1% das fotografias representam cadeirantes e 38,3% amputados.

Das deficiências visíveis, em nossa análise, a maioria eram atletas amputados (44%), cadeirantes (35%), com deficiência visual (15%), e outras deficiências físicas (6%) (nanismo, gigantismo e atletas com muletas). Dos 23 atletas amputados retratados fotograficamente, 11 não faziam uso de prótese, enquanto nove o faziam, e três usavam outros aparatos como handbike e cadeira de rodas. Dos oito atletas cegos retratados, três utilizavam venda, outros três óculos escuros e dois, nenhum aparato.

O que percebemos dessas pesquisas, juntamente com os nossos resultados, é que a ordem se altera, entretanto os atletas com as deficiências mais apresentadas são cadeirantes, amputados e visuais. Raab e Janda (2012) e Lee (2013) afirmam que como cadeirantes ou amputados são as mais comumente representados e socialmente mais aceitos, em geral, não provocam tanta aversão apesar de sua deficiência aparente.

O corpo com deficiência geralmente é apresentado em momento de competição, correspondendo ao típico exemplo das clássicas imagens esportivas, exibindo alegria, ou sofrimento (MARCELLINI, 2012), ou seja, a deficiência seria apresentada dentro do contexto esportivo. Nossos dados indicam que na maior parte das fotografias o atleta estava inserido no contexto esportivo, contudo há quase um equilíbrio entre fotografias que denotam movimento (40,5%) e passividade (45,5%).

No caso dos corpos com deficiência fotografados em movimento, no calor da ação (como por exemplo o(a) atleta nadando, correndo, arremessando, etc.), a deficiência apaga-se ante a beleza do gesto atlético, dramatizado pelo instante fotografado. A deficiência não é levada, nesse caso, à dissecação e à atitude inquisidora, como o é no caso das fotografias estáticas; ao invés disso ela mistura-se à performance atlética, onde o corpo inteiro é levado ao dinamismo (CHARBONNIER e POPESCU, 2012). Chang e Crossman (2009) ao realizarem uma pesquisa sobre a cobertura dos Jogos Paralímpicos de 2004 notaram que a maior parte dos atletas (76,5%) era representada em fotografias de ação. Essa foi, em nosso estudo, a segunda categoria com maior número de fotografias, o atleta estava na arena esportiva e em movimento.

No caso de fotografias posadas – 5% de nossa amostra –, onde o corpo está estático, oferecendo-se à observação, exposição, exibição, o enquadramento centrado no rosto coloca a deficiência fora da foto. A escolha aqui mantém o silêncio sobre a diferença.

Nossos resultados apontam que as fotografias mais frequentes retratam o atleta em momento de competição (em ação) ou em momento de coroação de seus resultados (sem ação – pódio, exibição da medalha). E apenas 7% das fotografias não foi possível identificar a composição.

Alguns estudos apontam que tendo em conta que estamos tratando de um evento esportivo era de se esperar que o atleta fosse mais frequentemente retratado dentro da arena esportiva e que a mídia abordasse mais exaustivamente as questões relacionadas com a prática do esporte em si (FIGUEIREDO, 2010; FIGUEIREDO; NOVAIS, 2009; SCHANTZ; GILBERT, 2001; SCHELL; DUNCAN, 1999).

De acordo com Schantz e Gilbert (2001) os meios de comunicação de massa tendem a enfatizar ações, recordes, performances, resultados, estatísticas e bastidores quando representam o esporte. A cobertura midiática dos atletas com deficiência muitas vezes centra-se predominantemente sobre a performance e os sucessos destes atletas, enfatizando a importância dos recordes, medalhas e tempos. Reichhart e Myazhiom (2012) analisaram a cobertura dos Jogos Paralímpicos no jornal L'Equipe de 1960 a 2004, e perceberam que durante todo o período os resultados de diferentes esportes foram apresentados, e quebra de recordes anunciadas. Bertling (2012) que analisou os jogos de Sydney/2000 e Salt Lake City/2002 em três jornais diários alemães, chegou à conclusão semelhante, ou seja a cobertura teve ênfase em resultados, e complementa

esse dado afirmando que esse tipo de cobertura pode ser produzida sem muitos custos, uma vez que é alimentada pelas agências de notícia.

Lebersorg e Dinold (2012) concluíram que na cobertura dos Jogos Paralímpicos de 2008 os jornais austríacos e alemães quase não utilizaram a categoria história de vida e apenas algumas matérias continham histórias pessoais mais detalhadas. Raab e Janda (2012) em seu estudo sobre a cobertura dos mesmos jogos na televisão alemã apontam a predominância da temática relacionada à performance esportiva, seguida pela explicação das diferentes modalidades e classificações funcionais. Maika e Danylchuk (2016) analisaram a cobertura dos Jogos de Londres/2012 nos dois principais impressos canadenses, e em 61,4% do material o esporte foi a temática principal. E assim também indica nosso estudo (Tabela 01), uma vez que 39% da temática das legendas dava conta da prática esportiva, ou seja, resultados, tempos, recordes, performances, bastidores.

Tabela 01 – Categorias das legendas

Resultado	39%
Descritiva	14%
Médico	13%
Cerimônias de Abertura/Encerramento	9%
Apresentação do atleta/Expectativa	9%
Retrospecto	4,5%
Outros	4,5%
Legitimação pelos atletas olímpicos	3%
Sem legenda	3%

Alguns desses autores (SCHELL; DUNCAN, 1999; SCHANTZ; GILBERT, 2001) criticam os meios de comunicação, afirmando que ao focar apenas em resultados, geralmente positivos, tende-se a trivializar a performance e conquistas dos atletas perpetuando o modelo médico da deficiência. Nós mesmos, em outros trabalhos, deixamos-nos inundar por essa ideia. No entanto ao anunciar medalhas, tempos e recordes e seus significados acreditamos que os jornalistas demonstram dar maior importância ao factual, aproximando a cobertura do esporte paralímpico à do esporte olímpico, ou mesmo do esporte em geral.

Atentamos apenas para o fato de que, apesar da proximidade com a cobertura do esporte para pessoas sem deficiência, algumas legendas ainda traziam informações consideradas médicas, como detalhes sobre a deficiência e se essa era adquirida ou

congênita, e ainda foram encontradas fotografias e respectivas legendas que usavam o esporte olímpico para legitimar o paralímpico.

5. Considerações finais

O esporte é fundamentalmente um produto, e assim o valor dado pela mídia a qualquer evento é representativo dessa percepção. Isso não significa que há uma equação padrão que irá calcular o “valor” da cobertura midiática esportiva. A viabilidade comercial do esporte em relação ao atrativo midiático é baseada em uma combinação de fatores sociais, econômicos e até políticos. Recentemente os Jogos Paralímpicos cresceram, sendo mais comercializado e atraindo mais atenção dos meios de comunicação.

Nossos dados apontam que as fotografias, e respectivas legendas, publicadas pela Folha de S. Paulo durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos de 2016, tenderam a retratar, em sua maioria, atletas do sexo masculino amputados em contexto competitivo. Concluímos também, que essas imagens, figuravam, em geral, no caderno de esportes, ou na seção “Rio 2016 – Paralimpiadas” publicada no dia posterior à cerimônia de encerramento.

Alguns de nossos dados corroboram pesquisas, outros adicionam novos fatores à discussão, o que nos faz perceber que o assunto “Jogos Paralímpicos e Mídia” encontra-se em momento de ebulição, não só no âmbito acadêmico, mas também entre jornalistas.

6. Referências

BERTLING, C. Disability Sports in the German Media. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media’s perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012. p. 55-64.

BRITAIN, I. Perceptions of Disability and their Impact upon Involvement in Sport for People with Disabilities at all Levels. *Journal of Sports & Social Issues*, v. 28, n. 4, 2004. p. 429-452.

BRUCE, T. Us and Them: the influence of discourses of nationalism on media coverage of the Paralympics. *Disability & Society*, v. 29, n. 9, p. 1443-1459, 2014.

BUYSSE, J. A. N.; BORCHEDING, B. Framing Gender and Disability: A cross-cultural analysis of photographs from the 2008 Paralympic Games. *International Journal of Sport Communication*, 3, p. 308-321, 2010.

CHANG, I. Y.; CROSSMAN, J. “When there is a Will, there is a Way”: A quantitative comparison of the newspaper coverage of the 2004 Summer Paralympic and Olympic Games. *International Journal of Applied Sports Sciences*, v. 21, n. 2, 2000. p. 16-34.
CHARBONNIER, L; POPESCU, C. Disabled Heroes in the Media. . In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). **Heroes or Zeroes?** The media’s perceptions of Paralympic sport. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012. p. 147-156.

DEPAUW, K. P. The (In)Visibility of Disability: Cultural contexts and “sporting bodies. *Quest*, v. 49, n. 4, 1997. p. 416-430.

FERRI, B; GREGG, N. Women with Disabilities: missing voices. *Women’s Studies International Forum*, v. 21, n. 4, 1998. p. 429-439.

FIGUEIREDO, T. H. *Os Atletas Paraolímpicos na Imprensa: Análise comparativa da cobertura noticiosa da mídia no Brasil e em Portugal de 1996-2008*. 2010. 122f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Letras e Engenharia, Universidade do Porto, Porto. 2010.

_____. Gênero e Deficiência: Uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. *Estudos de Jornalismo e Mídia*, v.11, n. 2, jul/dez 2014. p. 484-497.

_____. *Atleta Real x Atleta de Papel: A perspectiva individual dos atletas paralímpicos e sua representação na mídia impressa*. 2017. 221f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FIGUEIREDO, T.; NOVAIS, R. A Antiguidade ainda é um posto? Os momentos de vitória nos Paraolímpicos de Pequim. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, São Paulo. *Anais...*, São Paulo, 2009.

FONG, A; KATZ, S. USA vs. Canada: An analysis of media coverage of Paralympic athletes. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). *Heroes or Zeroes?* The media’s perceptions of Paralympic sport. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012. p. 113-120.

FOUCAULT, M. *Isso não é um Cachimbo*. Tradução de Jorge Coli. 5. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GOLDEN, A. V. An Analysis of the Dissimilar Coverage of the 2002 Olympics and Paralympics: Frenzied Pack Journalism versus the Empty Press Room. *Disability Studies Quarterly*, v. 23, n. 3/4, 2003. p. 1-16.

HALL, S. The spectacle of the “Other”. In: HALL, S. (Ed.) *Representation: cultural representations and signifying practices*. Londres: Sage/Open University, 1997. p.223-290.

HALLER, B. The Social Construction of Disability: News coverage of the Americans with Disabilities Act. *International Communication Association Annual Meeting*, Albuquerque, NM. 1995.

HARDIN, B.; HARDIN, M. Conformity and conflict: Wheelchair athletes discuss sport media. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 20, n. 3, 2003. p. 246-259.

HOWE, D. From Inside the Newsroom: Paralympic Media and the ‘Production’ of Elite Disability, *International Review for the Sociology of Sport* 43, n. 2, 2008.

_____. The Imperfect Body. *Routledge Online Studies on the Olympic and Paralympic Games: Book Chapters*, v. 1, n. 4, 2012. p. 100-152.

LEBERSONG, J; DINOLD, M. The Austrian Press: Media coverage during the 2008 Beijing Paralympic Games. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media’s perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012. p. 77-84.

LEE, M. J. *Images of Athletes with Disabilities: An analysis of photographs from the 2012 paralympic games*. 2013. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Kinesiology, University of Alabama, Alabama. 2013.

MAIKA, M.; DANYLCHUK, K. Representing Paralympians: The ‘Other’ Athletes in Canadian Print Media Coverage of London 2012. *The International Journal of the History of Sport*, v.33, n. 4, 2016. p. 401-417.

MARCELLINI, A. French Perspectives on the Media and Paralympics. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media’s perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012. p. 95-104.

PEERS, D. (Dis)empowering Paralympic histories: absent athletes and disabling discourses. *Disability & Society*, v. 24, n. 5, 2009. p. 653-665.

RAAB, N.; JANDA, S. Coverage of the Beijing Paralympic Games on German Television. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.) *Heroes or Zeroes? The media’s perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012. p. 85-94.

REICHART, F; MYAZHIOM, A. C. L. Media Coverage of the Paralympic Games from 1960 to 2004 by the Sport Newspaper ‘L’Equipe’: Change in event an participation representation. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media’s perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012. p. 25-36.

RESENDE, F.. O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 14, p. 81-93, dez. 2007

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. An Ideal Misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. *Sociology of Sport Journal*, 18, p. 69-94, 2001.

SHELL, L.; DUNCAN, M. A Content Analysis of CBS’s Coverage of the 1996 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16, 1999. p. 27-47.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of British Media Coverage of the 2000 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 20, p. 166-181, 2003.

TRINGO, J. L. The Hierarchy of Preference Toward Disability Groups. *The Journal of Special Education*, v. 4, n. 3, 1970. p.295-306.